

---

## LETRAMENTOS E GÊNEROS TEXTUAIS: UMA DISCUSSÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lília Brito da Silva (UEMA)<sup>1</sup>  
*brito\_lilia@hotmail.com*

Valdulce Ribeiro Cruz Sousa (UFPI)<sup>2</sup>  
*valdulcesousa@hotmail.com*

### 1 Introdução

Letramento é ainda uma palavra que possui pouco destaque durante o ensino de língua materna. Para Soares (2006, p. 17), letramento é “o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.” É a apropriação da escrita por um indivíduo e com a capacidade de utilizar a língua escrita de forma eficaz em diversas situações de comunicação.

Em uma sociedade na qual a escrita está presente na maior parte das ações dos sujeitos, o ser letrado, conforme as perspectivas contemporâneas acerca da escrita, é aquele que sabe utilizá-la em diversas situações cotidianas, adaptando o seu uso de acordo com as necessidades presentes em cada contexto em que a escrita surge como meio principal de comunicação entre os indivíduos de um grupo.

Um grupo social abriga várias situações em que os indivíduos necessitam fazer uso da escrita a partir de gêneros variados. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas de letramento de um conjunto de alunos, envolvendo um trabalho centrado em gêneros textuais na sala de aula. Para a efetivação dessa análise, parte-se da observação dos usos reais da língua escrita que os alunos realizam na sua comunidade de fala, incluindo a escola. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo em um bairro da cidade de Teresina-PI e na escola que atende aos membros do referido bairro, onde foram observados os gêneros escritos que os moradores utilizam no seu dia a dia.

---

<sup>1</sup> **Lília Brito da SILVA**, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Profa. Substituta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

<sup>2</sup> **Valdulce Ribeiro Cruz Sousa**, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Profa. Substituta da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Dessa forma, essa pesquisa possibilitou efetuar uma análise minuciosa da atuação da escola ao trabalhar com os gêneros textuais escritos em sala de aula, além da observação e reflexão a respeito da discrepância entre a ideia da escrita pelos moradores e a ideia de letramento pela escola.

## 2 Letramento e Gêneros Textuais: definição e conceito

Letramento refere-se aos usos reais que os membros de um grupo social realizam da língua escrita em diversas situações sociais de comunicação. É uma prática social que reflete as relações socioculturais que estabelecemos no meio em que vivemos por meio da modalidade escrita da língua.

Soares (2006) afirma que letramento tem origem da expressão inglesa *literacy*. O indivíduo que vive em uma sociedade que tem a escrita como marca da contemporaneidade, mesmo analfabeto, isto é, aquele que não domina o código escrito de sua língua, mas que tem contato com a escrita em diversas situações de comunicação, também é letrado. Isto porque mesmo analfabeto consegue lidar com a escrita.

Marcuschi (2003, p.16-17) considera que o domínio da escrita “se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.” Portanto, o indivíduo que não a domina de modo que não consiga exercer determinados papéis sociais, torna-se marginalizado socialmente.

Segundo Soares (2003, p.7), “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e com essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.” A definição proposta por Soares (2003) demonstra que é impossível se referir a letramento sem mencionar sua natureza social.

Todos os usos que realizamos de nossa língua, na modalidade oral ou na modalidade escrita, concretizam-se por meio de um gênero textual. Marcuschi (2002, p.19) afirma que os gêneros “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Isto porque os gêneros textuais estão relacionados a fatores sociais e históricos do grupo social que os utilizam.

As particularidades linguísticas de um grupo social se refletem nos usos reais que seus membros realizam de sua língua em situações de comunicação variadas. Para Costa, “[...] as manifestações de linguagem assumem formas variadas, cujo valor de cada uma é uma

atribuição do grupo que as desenvolve” (COSTA, 2011, p. 14). As características peculiares de um grupo social, em relação aos usos que realizam de sua língua, revelam sua história social e cultural, marcando assim nitidamente sua identidade enquanto interactante.

Os membros que fazem parte de uma sociedade utilizam um determinado número de gêneros. Para Marcuschi (2002) o número de gêneros textuais se multiplicou com a invenção da escrita no século VII A. C., pois, antes da escrita, os gêneros estavam relacionados à modalidade oral da língua.

Letramento refere-se aos usos que fazemos dos gêneros escritos. Marcuschi (2003) define letramento como “[...] um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais para usos utilitários” (MARCUSCHI, 2003, p. 21). Assim, em uma comunidade de fala é essencial entender o valor de cada prática de letramento a partir dos significados sociais que os usos da escrita possuem para o grupo.

Os gêneros moldam os usos que fazemos da modalidade escrita da língua. Os gêneros são definidos por Miller (2009) como tipificações. Isto porque, em uma situação de comunicação, fazemos uso de um determinado gênero textual que se adequa perfeitamente à situação vivenciada. Desse modo, em uma situação semelhante à vivenciada anteriormente, fazemos uso do mesmo gênero.

### **3 Letramento: uma prática social**

Barton & Hamilton (1998), assim como Marcuschi (2003) e Soares (2003), destacam a natureza social do letramento. Para Barton & Hamilton (1998), letramento está relacionado aos usos diários que uma pessoa faz da escrita e da leitura no seu cotidiano. E por isso, concretiza-se como uma prática social.

Os autores definem práticas como: “processos sociais os quais conectam pessoas com outras, e elas incluem representações cognitivas compartilhadas em identidades ideológicas e sociais” (BARTON & HALMILTON, 1998, p. 7). Acrescentando ainda que as práticas de letramento são reguladas por normas sociais estabelecidas pelo grupo.

Ao referir-se a eventos de letramento, Barton e Hamilton (1998, p.7) afirmam que o evento de letramento “[...] acentua a situação natural do letramento, que é o de sempre existir em um contexto social.” Os autores definem os eventos de letramento como

“episódios observáveis os quais surgem de práticas e são modelados por elas” (Idem). Por meio do conhecimento das práticas de letramento de um grupo é possível compreender como os eventos de letramento se estruturam na rotina dos indivíduos do grupo.

O estudo do letramento dentro de uma comunidade social deve partir da ideia de que letramento se caracteriza como todos os usos que realizamos da língua escrita em diversas situações sociais que vivenciamos em nosso cotidiano. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos se apropriam da escrita, até mesmo os analfabetos, necessitando desenvolver habilidades para lidar com as situações nas quais ela se torna essencial para a comunicação.

Nesse caso, podemos afirmar que as práticas de letramento que os membros de um grupo social realizam diariamente contribuem na construção da identidade social do grupo. O domínio que cada indivíduo possui da escrita, e os usos que realiza dessa modalidade da língua nas funções sociais que desempenha no grupo, constroem a sua identidade social.

Um grupo constrói gradativamente a sua identidade cultural por meio das características que lhe são próprias e que os diferenciam de outros grupos. Estas características são percebidas também por meio dos usos que realizam de sua língua materna. Por isso, podemos afirmar que os usos e significados sociais e culturais das práticas de letramentos de um grupo social refletem a sua formação histórica, social e cultural. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 1995, p.286). Seguindo o raciocínio do citado autor, a concretização do sujeito em sua totalidade sociocultural está relacionada aos usos reais que realiza de sua língua materna.

#### **4 Aspectos metodológicos**

A pesquisa que possibilitou a realização desse trabalho fundamentou-se no método etnográfico. A Etnografia da comunicação surge como modelo de estudo para os fenômenos linguísticos quando Dell Hymes, em 1962, publica o ensaio “The Ethnography of Speaking”. Inicialmente, este estudo limitava-se apenas à análise sociocultural da fala, a partir do “estudo da fala na sua relação com outros fatos sociais integrantes da cultura de uma sociedade” (LIMA, 1996, P.56). Posteriormente, Hymes (1962) aborda o comportamento comunicativo. Com isso, seu estudo passa a ser denominado de Etnografia da Comunicação.

A Etnografia da Comunicação concentra-se na “descrição e compreensão do comportamento comunicativo em situações específicas de uso” (SAVILLE-TROIKE, 1982). Desse modo, o estudo linguístico de um grupo social, tendo como base a etnografia da comunicação, ajuda a compreender a cultura dos membros do grupo.

Um estudo linguístico direcionado para a etnografia da comunicação tem como principal característica o foco nas rotinas comunicativas e nas regras de comportamento social que os membros de uma comunidade de fala utilizam com base nos padrões de uso da língua. Em uma situação de comunicação, sujeitos pertencentes a comunidades de fala diferentes apresentam comportamentos comunicativos diferentes. Isto porque cada um possui o conhecimento cultural, social e linguístico para se comunicar apropriadamente dentro da comunidade de fala a que pertence.

Para retratar o modo como o ensino de Língua Portuguesa trabalha o letramento a partir dos gêneros textuais, este trabalho analisa dados colhidos na escola, durante a aula de língua materna, bem como, os usos que os moradores da comunidade atendida pela escola fazem da escrita no cotidiano do grupo.

## **5 Ensino de Língua Portuguesa: Letramento e Gêneros Textuais**

No nosso cotidiano, utilizamos um número variado de gêneros textuais relacionados à língua escrita. Infelizmente, os estudos e trabalhos realizados no âmbito do ensino de Língua Portuguesa demonstram que, na escola, a realidade é diferente.

Na escola, o professor privilegia o ensino da escrita, mas isto não garante que o aluno, ao término do ensino fundamental e médio, domine com competência a modalidade escrita de sua língua. Isto ocorre porque os gêneros escritos que são trabalhados ao longo de nove anos do ensino fundamental e três anos do ensino médio são os mesmos, além de trabalhados da mesma forma.

O professor não reinventa atividades relacionadas à escrita, não cria novas, nem tampouco incentiva, em sala de aula, a criatividade, o potencial, a dinamicidade e a interação dos alunos, proporcionando, assim, novos moldes de trabalho com a escrita. Geralmente, as atividades se limitam a cópias daquilo que o professor expõe no quadro - negro, ou daquilo que está presente no livro didático.

“Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade textual presente nessas obras” (MARCUSCHI, 2008, p. 207). Este fato nem sempre garante que o professor e a escola estejam preparados para desenvolver um ensino de língua materna que trabalhe a diversidade de gêneros de uma língua.

O ensino de língua deve ser pautado na ideia de gêneros como estabilizadores da comunicação humana. Uma vez que, “toda interação se dá por algum gênero discursivo que se realiza por algum texto” (CAVALCANTE, 2013, p.44). A autora classifica os gêneros como alternativas que utilizamos para nos comunicarmos.

Toda atividade humana visa atingir um determinado objetivo e os gêneros textuais estabilizam e organizam a comunicação humana. Ao se referir aos gêneros, Cavalcante (2013, p.47) afirma que eles são “criados, firmados e compartilhados entre os membros de uma esfera de comunicação humana – administrativa ou acadêmica...”. Por isso, a escola deve proporcionar ao aluno, durante o ensino de língua, o contato com o maior número possível de gêneros textuais.

Referindo-se ao trabalho com a escrita, Antunes (2003, p. 25) assinala que na escola há “a prática de uma escrita mecânica e periférica”. Este fato ocorre porque não há um trabalho com textos de variados gêneros textuais que diversifiquem o trabalho realizado com a escrita na sala de aula.

### 5.1. ESCOLA

Diante das observações realizadas na escola pesquisada e a partir da literatura que discute as questões abordadas nesse artigo, realizamos uma análise do ensino de Língua Portuguesa no país, observando o modo como às práticas de oralidade e letramento são trabalhadas em sala de aula. Para isso, foram observadas as aulas do nono ano do ensino fundamental, por ser a série final dessa etapa de grande importância na formação dos alunos que é o ensino médio.

Os alunos que frequentam a escola estudada pertencem a classes sociais de baixa renda. De acordo com a direção da escola, alguns desses adolescentes pertencem a gangues, o que compromete a segurança da instituição. Além disso, a instituição de ensino enfrenta

sérios problemas relacionados à estrutura física do prédio, o que é motivo de reclamação dos alunos, professores e funcionários da escola.

As atividades realizadas na aula de Língua Portuguesa são voltadas principalmente para atividades de escrita. Todas as atividades são escritas no quadro pela professora e os alunos fazem a cópia em seus cadernos. Em seguida, algum aluno dirige-se até o quadro-negro e escreve a resposta do exercício no quadro.

Normalmente, a professora dita a resposta para o aluno e este a escreve no quadro. Em todas as situações de correção de exercícios, podemos perceber a antecipação da professora em dar a resposta antes da manifestação dos alunos, conforme observamos a seguir:

*EVENTO: Aula de Língua Portuguesa*

*PARTICIPANTES: Alunos e professora*

*FORMA DE MENSAGEM: Verbal*

*PROFESSORA: Vinícius você terminou?*

*ALUNO: hora se não!*

*PROFESSORA: pois vem aqui e responde no quadro.*

*PROFESSORA: pra que serve esse travessão aí, no meio do texto?*

*PROFESSORA: é pra destacar, né?*

*ALUNO: ah, é!*

No evento descrito acima, a professora faz a pergunta e ela mesma apresenta a resposta correta para os alunos. Apesar de pedir ao aluno que este vá ao quadro e responda à questão, ela se antecipa respondendo e não discute a questão com os alunos. Todos os exercícios são realizados de modo mecânico na aula de Língua Portuguesa.

Os conteúdos trabalhados em sala de aula não fazem referência à diversidade linguística e nem aos usos particulares que os alunos fazem de sua língua materna na comunidade de fala em que vivem. No trecho de uma aula descrita no evento seguinte, podemos perceber que a professora não discute variação linguística na sala de aula.

*EVENTO: Aula de Língua Portuguesa*

*PARTICIPANTES: Alunos e professora*

*FORMA DE MENSAGEM: Verbal*

*PROFESSORA: vocês estão vendo o trecho dessa música?*

*ALUNOS: qual o trecho?*

*PROFESSORA: o primeiro é claro! Vocês perceberam que tá escrito de um jeito diferente? Ele colocou "inúteis, a gente somos inúteis." Isso tá errado não tá? Como seria a escrita correta?*

*ALUNO: o certo seria: "nós somos inúteis"*

*PROFESSORA: muito bem, "nós somos"!*

Este evento de fala evidencia a característica mais marcante do modelo tradicional do ensino de língua portuguesa: a indiferença aos aspectos funcionais do texto, aos recursos linguísticos e a tudo que contribui para uma leitura crítica e interpretativa. Ao comentar o trecho dessa música, a professora não discute com os alunos as possíveis intenções do autor ao substituir "nós somos" por "a gente somos". A aula limita-se apenas em classificar o que é "certo" ou "errado" na Língua Portuguesa.

Os exercícios realizados na sala de aula destacam, principalmente, conteúdos relacionados a conceitos e frases. Os alunos decoram conceitos de algumas classes gramaticais, como observamos no seguinte exercício.

#### Exercício de Revisão

- 1) Circule nas frases abaixo os advérbios e sublinhe as preposições.
  - a) Certamente estará aqui de manhã, só depende de você, com certeza.
  - b) Não consigo viver sem você!
  - c) Hoje, amanhã e sempre quero está ao seu lado.
  - d) Antes de ir ao cinema, eu comprei o seu presente.
- 2) Dê o conceito de advérbio e suas respectivas classificações.

3) Dê o conceito de frase e de oração.

Nessa ocasião, a professora trabalha um exercício de revisão com os alunos para a avaliação, que nos permite perceber o quanto esse exercício é limitado e tradicional, resumindo-se a conceitos e a análise de frases soltas, fora de um contexto situacional. Além disso, atividades como essa limitam o ensino de Língua Portuguesa ao estudo da gramática normativa de nossa língua e deixam a desejar quanto aos aspectos funcionais da língua.

Durante o período de observação em sala de aula não presenciamos nenhum exercício que desenvolvesse a oralidade dos alunos e que valorizasse as particularidades linguísticas da comunidade de fala onde está localizada.

*EVENTO: Aula de Língua Portuguesa*

*PARTICIPANTES: Alunos e professora*

*FORMA DE MENSAGEM: Verbal*

*PROFESSORA: Os meninos daqui falam: eu amo ela e vocês acham isso lindo!*

*ALUNOS: risos...*

Infelizmente, com as observações em sala de aula percebemos que na aula de língua materna os exercícios trabalhados limitam-se apenas a exercícios de escrita. E estes se resumem apenas a cópias, deixando de explorar a capacidade criativa dos alunos que propiciam o desenvolvimento da oralidade. Dessa forma, a professora desvaloriza a modalidade da fala, a qual é fonte de inesgotáveis riquezas linguísticas.

Fora da sala de aula, em outros ambientes dentro da escola, percebemos que os alunos realizam usos espontâneos de sua língua materna. Eles interagem constantemente durante o intervalo das aulas. Nessa situação conversam sobre temas variados, como esportes, novelas ou sobre assuntos relacionados à vida dos membros da escola.

Nas conversas podemos perceber usos linguísticos que constantemente são criticados na aula de língua materna.

*EVENTO: Aula de Língua Portuguesa*

*PARTICIPANTES: Alunos e professora*

*FORMA DE MENSAGEM: Verbal*

*ALUNOS I: olha o doidim véi, tá se achando!*

*ALUNO II: olha é doido!!!*

Nesse diálogo entre dois alunos, percebemos o uso da expressão “doido” que se caracteriza como uma variante linguística comumente utilizada entre os jovens dessa faixa etária pesquisada para se referirem a outra pessoa. Observamos que nessas situações de uso espontâneo da língua, os alunos realizam diversos usos linguísticos como os analisados a seguir.

*EVENTO: Aula de Língua Portuguesa*

*PARTICIPANTES: Alunos e professora*

*FORMA DE MENSAGEM: Verbal*

*ALUNO III: Tu trouxe a bola?*

*ALUNO IV: Rapaz, truxe não, a secretária não liberou não.*

Apesar da realização de um ensino de Língua Portuguesa que se concentra somente em atividades mecânicas de escrita, relacionadas para o estudo da gramática normativa, percebemos constantemente nos exercícios conceitos relacionados aos elementos gramaticais. E os alunos fora da sala de aula não utilizam aquilo que é ensinado durante a aula de língua materna, uma vez que o trabalho realizado pela professora é meramente centrado nos aspectos gramaticais teóricos, desconsiderando os aspectos funcionais e relevantes da gramática, que têm o propósito de indicar pistas linguísticas e contribuir para a eficácia comunicativa. Fato que demonstra que uma língua se aprende por meio dos usos práticos que realizamos cotidianamente e não de usos mecânicos por meio de cópias das regras gramaticais.

## 5.2. COMUNIDADE

“Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação” (Alkmim, 2001, p. 32). Por isso, neste artigo também são analisados, além dos eventos de letramento, as práticas de letramento realizadas na comunidade, com o objetivo de caracterizar e compreender esses eventos.

Os moradores do bairro estudado fazem uso constante da escrita. O bairro é uma das principais áreas comerciais da cidade de Teresina-PI, em que é constante a presença da escrita na fachada dos comércios, a utilização de material escrito nas residências, igrejas, mercado e em outras situações comunicativas. Em todos os eventos observados no bairro, os moradores conseguem fazer uso espontâneo da fala e escrita em situações formais e informais de uso da língua.

Neste artigo são analisados alguns eventos de letramento, entre eles a compra e venda de jornais, o jogo de futebol, a produção de uma autobiografia escrita por um morador do bairro, etc.

*EVENTO: Jogo de futebol*

*AMBIENTE: Quadra esportiva do bairro*

*PARTICIPANTES: Moradores do bairro e de bairros vizinhos do gênero masculino*

*Vale ressaltar que os jogadores e os espectadores do evento realizaram alguns usos da escrita, conforme veremos a seguir:*

*MORADOR DO BAIRRO: menina, deixa anotar o teu número aqui na mia agenda, porque assim, qualquer coisa eu te ligo e te informo sobre tudo do bairro.*

*PESQUISADORA: pois anote aí...*

Essa interação ocorreu durante o jogo de futebol, e evidencia a importância que a escrita possui na vida dos moradores do bairro, como uma forma segura de se realizar um registro de algo considerado necessário. Mesmo durante um simples jogo de futebol foi possível observar usos da escrita.

O evento descrito contou com a presença apenas de moradores do gênero masculino, dentre eles, crianças, jovens, adultos e idosos. Todos os participantes conseguiram estabelecer uma comunicação eficiente entre si e a variação linguística utilizada por eles

nesse evento não é utilizada em eventos que exigem um grau de formalidade, como na missa, por exemplo. Evento ilustrado a seguir:

*EVENTO: MISSA CATÓLICA*

*AMBIENTE: IGREJA CATÓLICA*

*PARTICIPANTES: FIÉIS E PADRE*

Ao chegar à igreja, os fiéis recebem um folheto com toda a programação da missa, orientando-os sobre os cânticos e as leituras bíblicas que serão realizadas durante a cerimônia. Eles acompanham os cânticos por meio da leitura do folheto e os rituais da missa pelo jornal litúrgico. Além disso, a igreja ainda dispõe de um data-show, no qual é possível acompanhar as letras dos cânticos e as leituras bíblicas realizadas na cerimônia.

Durante a missa o padre realiza a sua tradicional homilia e cada cântico está relacionado com a leitura feita pelo padre, funcionando assim, como uma forma de enfatizar aquilo que foi dito por ele.

*PADRE: Agora vamos acompanhar a leitura do Salmo 100:2*

*(O padre faz a leitura e os fiéis acompanham)*

*FIÉIS: Graças a Deus.*

No ambiente da igreja é possível perceber a presença de dois murais, onde há vários cartazes informando sobre as festividades do meio católico de Teresina. Há também um grande painel contando toda a história da igreja, desde sua construção, até os dias atuais. Esse painel chama muito a atenção de quem chega à igreja e algumas pessoas depois da missa param para lê-lo e outras até mesmo para fazer um registro fotográfico.

Na igreja católica do bairro, em diversos contextos durante a missa, faz-se uso da escrita. As leituras realizadas durante a cerimônia estão de acordo com a Bíblia, e por isso são feitas conforme a norma culta, que é a utilizada neste livro. Percebemos que alguns dos membros da igreja ao realizarem a leitura das passagens bíblicas sentem dificuldade em realizá-las, uma vez que no seu cotidiano não fazem uso dessa variação.

A missa, por ser um evento formal, exige a utilização de uma variação linguística formal e que se difere completamente da linguagem utilizada pelos moradores no jogo de futebol. Principalmente porque na missa, a maioria das falas é orientada pelas leituras da Bíblia, quem fala tenta fazer uso constante da linguagem formal, o que pode ser percebido até mesmo na postura dos participantes desse evento.

No mercado, os comerciantes fazem o controle diário de suas mercadorias recebidas e vendidas por meio de anotações diárias que realizam em alguns cadernos. Esses cadernos registram o letramento praticado pelos moradores do bairro durante sua atividade de trabalho, dentro do ambiente do mercado, em um contexto informal, visto que a relação entre cliente e vendedor se baseia principalmente na amizade, como pode ser observado no conteúdo de um desses cadernos.

*EVENTO: Registro familiar*

*AMBIENTE: Casa de um morador do bairro*

*PARTICIPANTE: morador e pesquisadora*

No comércio também são realizadas práticas constantes da escrita e da oralidade. Os participantes desse evento não utilizam a norma culta da Língua Portuguesa, mas assim como no jogo de futebol a comunicação verbal e escrita realiza-se com êxito.

*EVENTO: DIA DE FEIRA*

*AMBIENTE: MERCADO*

*PARTICIPANTE: VENDEDOR DE PEIXE DO MERCADO*

*(Foram coletadas as anotações que o vendedor fez em seu caderno)*

*1k de pexi- 2 real pra dona Tonia*

*2k tambaqui onti*

*Guardei dois*

Os comerciantes que trabalham no mercado, durante a realização de seu trabalho, fazem uso constante da escrita. Nesse ambiente, eles utilizam um letramento ideológico,

diferente do letramento autônomo realizado na escola, mas que condiz com as necessidades de utilização de escrita durante o contexto social do trabalho.

O jornaleiro mais antigo do bairro, que possui uma banca de venda de jornais no mercado da comunidade, tem a sua vida relacionada com a escrita, embora não seja alfabetizado.

*JORNALEIRO: Não estudei, nem sei ler nem escrever. Trabaiei desde cedo, num sabe?*

O morador entrevistado convive com jornais de diversas empresas jornalísticas da cidade e, mesmo sendo analfabeto, consegue distinguir um jornal de outro sem nenhuma dificuldade. E isso ocorre devido às habilidades, isto é, formas que desenvolveu em relação à escrita.

*JORNALEIRO: Eu trabaio vendeno jornal, mas eu não sei entender as letra. Sou analfabeto. Mas sempre vendi o meu jornal. Deixa eu vendê meu jornal.*

*JORNALEIRO: Você quer é o jornal Meio Norte? O coloridim, né?*

*CLIENTE: É sim, o de sempre.*

Outro morador do bairro, seu Nildo, como é conhecido, possui uma história admirável na comunidade. Ele está escrevendo uma autobiografia e embora receba como provento apenas um salário mínimo, mantém um projeto social que ajuda várias crianças carentes da comunidade.

*NILDO: Olha aqui, tá tudo registrado aqui. É a história da minha vida. Tenho tudo, tudo registrado. Olha, tô fazendo um livro! O título é: "Deus me criou para servir." Começo com os meus pais, "Obrigado meu Deus pelo meus pais, eu agradeço a deus por todos os dias da minha vida"*

A habilidade deste morador em organizar a história de sua vida, desde os três anos de idade, quando teve o primeiro contato com o futebol, até hoje, com os seus 51 anos de idade,

demonstra que letramento “é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social” (ROJO, 2004, p.2).

“Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e com essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2006, p. 72). Todo o conhecimento que esses moradores possuem de sua língua escrita está relacionado com as experiências e os papéis sociais que desempenham na comunidade.

## 6 Considerações Finais

Letramento é considerado uma prática social porque se realiza a partir do modo como um grupo social se relaciona com a escrita. Alfabetizado ou analfabeto, todos os membros de uma sociedade em que predomina a escrita são influenciados por ela e desenvolvem habilidades relacionadas ao seu uso.

Nesse sentido, foram observadas as práticas de letramento do bairro pesquisado. A participação em diversas situações de comunicação dentro da comunidade nos permitiu observar o cotidiano linguístico desse grupo social, centrado nos eventos, situações e práticas de letramento.

Partindo da pesquisa, foi notória a constatação dos usos que os moradores do bairro realizam da escrita e estes usos estão relacionados às necessidades que surgem das relações sociais entre os moradores e do papel social que assumem em cada situação de comunicação. A interação durante um ano com essa comunidade apresentou nitidamente as características dessa rica prática social- o letramento.

Em relação à escola, como uma instituição formal responsável pela alfabetização, verificamos que ainda trabalha com uma visão ultrapassada sobre ensino de língua materna. Na sala de aula, os alunos não conseguem se identificar com aquilo que lhes é ensinado como Língua Portuguesa.

Neste artigo, foi observado o modo como, durante a aula de Língua Portuguesa, ocorre o estudo e a aprendizagem das práticas de letramento, partindo do trabalho realizado com os gêneros textuais. Percebemos que nesta instituição não são considerados os diversos

meios de produção e as diversas finalidades dos usos reais da língua escrita, desconsiderando assim, a funcionalidade dos aspectos gramaticais.

A postura assumida ao longo dos anos pela escola, diante da diversidade linguística que os alunos trazem do meio social em que vivem, é preocupante. Haja vista que a escola não compreende que é durante o processo de sociabilização, dentro de sua comunidade de fala, que os sujeitos aprendem a realizar determinados usos linguísticos. A escola como formadora de sujeitos críticos está sendo omissa e negligente, pois não abrange novas práticas de ensino e nem tampouco se preocupa em transformar, em reinventar, em recriar as velhas práticas e possibilitar que esses alunos reescrevam suas histórias de vida.

### Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local Literacies** – Reading and writing in one community. New York: Routledge, London and New York, 1998.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum – 4º ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1º ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- COSTA, Catarina Sirqueira Mendes da. **Olhares Sociolinguísticos**: variação e interação. Teresina: EDUFPI, 2011.
- LIMA, Maria da Glória Soares B. **Os usos cotidianos da escrita e as implicações educacionais**: uma etnografia. Teresina: EDUFPI, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Angela Paiva. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MILLER, C. R. (1994a) . **Genre as social action**. In: Freedman, A & Medway, P. (eds). Genre and the new rhetoric. Taylor & Francis.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4ed. Cortez: São Paulo, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2014.

SAVILLE – TROIKE (1982), **The Ethnography of Communication**. Introduction. Oxford Cambridge, MA: Blackwell, 1982.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 11.Reimpr. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. Ed. São Paulo: Ática, 2006.